

Patologia clínica e patologia social^[1]

Suad Haddad de Andrade^[2]

RESUMO: A autora propõe que o aprimoramento da teoria e do trabalho clínico psicanalítico propicia também um engajamento social importante. Apoiando-se na afirmação de Boaventura de Sousa Santos (1889/2003) de que todo conhecimento é em si uma prática social, amplia a discussão na especificidade da psicanálise, considerando que, a partir da experiência clínica individual, se pode apreender também a base da dinâmica de comportamentos sociais e com isto abrir espaço para atuações mais diretas e efetivas do psicanalista. Contudo, salienta que é preciso aceitar as limitações da prática psicanalítica sem cair na postura arrogante ou ingênua de que ela deve se amoldar ao social ou solucionar questões humanas complexas de forma simplista. Conclui afirmando que o espaço da clínica continua sendo o lugar para a mais eficiente ação que o psicanalista tem a oferecer.

PALAVRAS-CHAVE: experiência clínica, clínica psicanalítica, prática social, comportamentos sociais, clínica expandida

1. Artigo original publicado em 2004 na *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Brasília* (vol. 23, n. 2, pp. 217-225). Este artigo é uma republicação póstuma, feita como parte das homenagens realizadas pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) a Suad Haddad de Andrade, por sua relevante contribuição para a psicanálise na Sociedade. Agradecemos aos editores da revista *Alter* pela autorização para republicar.

Nota da editora: na versão original do artigo de 2004, a autora referiu-se aos termos da Teoria dos Vínculos de Bion para expressar amor, ódio e conhecimento pelas suas iniciais em português (A, O e C). Contudo, no vocabulário psicanalítico atual, adotam-se as iniciais dos termos em inglês (L de *love*, H de *hate* e K de *knowledge*). Adotamos, portanto, o padrão atualizado para a presente edição.

2. Suad H. Andrade foi filósofa, psicóloga e psicanalista. Membro efetivo com funções didáticas das Sociedades Brasileiras de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e de Ribeirão Preto (SBPRP).

Para me localizar dentro do debate atual que propõe uma inserção maior da psicanálise nas outras ciências ou uma atuação maior do psicanalista na sociedade, me apoio na colocação de Boaventura de Sousa Santos (1889/2003):

Todo conhecimento é em si uma prática social, cujo trabalho específico consiste em dar sentido a outras práticas sociais e contribuir para as transformações destas . . . A verdade de cada uma das formas de conhecimento reside na sua adequação concreta à prática que visa constituir. (p. 47)

Ao aprimorarmos nosso trabalho, estamos certamente buscando soluções sociais, na medida em que ele visa o ser humano naquilo que tem de mais precioso, que é sua busca por bem-estar interno e desenvolvimento pessoal. Faz parte de nossa tarefa estarmos sempre atentos ao mundo em que vivemos para entendermos os grandes desafios que o comportamento humano nos propõe.

Há total unanimidade em se apontar a necessidade do resgate da subjetividade. Essa tarefa não se impôs a nós hoje porque o mundo atual o exige. Nós, psicanalistas, estamos dentro dessa proposta desde sempre. Foi assim que a psicanálise nasceu, tentando fazer as pessoas se darem conta do que não sabiam sobre si mesmas.

Estamos assistindo à expansão de graves patologias na comunicação e nas relações humanas. Se não nos cabem soluções sociais amplas, também não podemos dar soluções simples ou simplistas em área tão complexa. Não queremos nos situar fora do mundo em que vivemos. Ao contrário, ao reconhecermos a complexidade deste mundo em que vivemos, nos tornamos cautelosos, alertas e responsáveis nas nossas reflexões e conclusões. Até que ponto não estamos nos colocando numa postura superior, arrogante e moralizante quando, preocupados com a maior aceitação e maior promoção de nossa atividade, acreditamos poder dar solução a questões tão amplas e difíceis?

Bauman (citado por Pallares-Burke, 2004) chama a atenção para o fato de deixarmos de notar os reais perigos, ou de podermos minimizá-los mesmo quando notados: “quando a complexidade da situação é descartada fica fácil apontar para aquilo que está mais à mão como sendo causa das incertezas e ansiedades modernas” (p. 310). E eu diria que buscar soluções fáceis para o maior sucesso prático psicanalítico é uma ilusão.

Dentro dessa perspectiva, fui levada a tentar elaborar algumas questões que me surgiram na clínica e que correlacionei com aspectos sociais muito significativos do momento. Duas situações aparentemente muito diferentes, mas nas quais detectei um traço comum. Uma delas diz respeito a um artigo de jornal em que se colocava a questão da apatia das pessoas diante da violência social de nossos dias; a outra situação é um caso clínico psicanalítico que vou expor rapidamente.

O paciente jovem traz para a sessão, durante meses, suas expectativas e suas frustrações com o caso amoroso que está vivendo. Depois de um período de muito entusiasmo, a relação se rompe, e ele não consegue se conformar.

M. está vivendo um forte vínculo com a namorada; aparentemente é um vínculo de amor e interesse por uma pessoa que está ameaçado de perder. Ele não percebe

que, embora importante, não é uma ligação exatamente afetiva no sentido do encontro com uma pessoa que ele admira e valoriza realmente como pessoa; é mais um vínculo a que eu chamaria, na falta de outra expressão, de concreto: é uma namorada que traz a possibilidade de casamento, lar, filhos. Um projeto *concretamente* realizável. Eles não partilham entre si de uma comunicação esclarecedora para ambos ou de uma vinculação harmoniosa que possibilite a intimidade; estas são condições essenciais para a construção do vínculo de amor, como nos mostra Ney Marinho (1997) em seu trabalho sobre vínculos amorosos. M. não sabe ao certo por que foi rejeitado ou qual o sentimento da namorada no episódio da separação.

Aparentemente, a situação externa é impeditiva e não pode ser alterada; na verdade, são as modificações internas que não têm condição de ocorrer. A impossibilidade externa mascara todas as limitações internas e, por isso, toda a situação é muito atraente – colocam-se, ambos, na condição de vítimas impotentes diante do mundo que os massacra.

Ele não tem consciência de suas reais frustrações para com a namorada, para consigo próprio e para com a situação em geral. Há muita onipotência e onisciência quando ele afirma “ela me amava” e “eu a amo”, porque o significado das emoções é despojado de vitalidade e não há um conhecimento verdadeiro de seus sentimentos. Parecem mais aspectos evacuativos, verdadeiros resíduos desarticulados de vivências passadas, que agora de nada servem. Para não elaborar a perda e para não fazer todo o trabalho de buscar conhecer seus recursos e se beneficiar deles, ele fica repetindo o que não tem mais sentido. O que existe é uma relação vazia de significado que se torna destrutiva porque sem sentido. O que ele tem como uma relação de amor é, na verdade, uma relação fantástica, onde um usa o outro para alimentar suas fantasias narcisistas. Nada sabem um do outro, e não há um movimento real de aproximação, de intimidade. E isso não ocorre porque, ao saber do outro, cada um é forçado a saber de si mesmo, o que é assustador para ambos.

É na relação comigo que comparecem mais claramente essas características. Ele me ouve com total respeito, não falta, considera que a análise é o que tem de mais importante na sua vida e nunca cogita ficar sem ela; raramente me contesta ou fica ressentido comigo.

O paciente não rejeita o que eu digo, mas distorce, tira a força e o significado de minhas palavras. Interpretação vira crítica para com ele e descaso para com seus esforços e sofrimento; ou então acha que ele não foi claro, e por isso eu não o entendi. Ele ataca os vínculos entre as palavras e seus significados. Na verdade, ele não consegue um trabalho de elaboração a partir do que eu lhe mostro por total incapacidade de pensar, e não por ataque direto a mim ou à análise. Percebo permanentes cortes na nossa conversa, como mudar de assunto, por exemplo, que me impedem de continuar elaborando meu pensamento. A falta de sintonia comigo leva à dificuldade de comunicação entre nós; o verdadeiro vínculo de amor não ocorre, mas isso não significa presença de ódio.

A captação das identificações projetivas me possibilita saber o que ocorre com ele repetidamente; muitas vezes fico desapontada, desanimada ou mesmo perdida dentro da conversa, o que me adverte para a existência de ódio ao pensamento ou aos vínculos que possibilitam a coesão e a organização do pensar. Esses aspectos não são absolutamente identificáveis por ele.

“Eu daria tudo para ser uma pessoa amada por ela” – e isto depois de termos visto como ele não se ama, ou desfaz ou denigre a si mesmo. Ele desvia imediatamente para fora, para a namorada ou para mim, a incapacidade de amar e se coloca como a vítima dessa limitação que é do outro, não dele. E permanece imutável, inabalável. O que não está dentro dessa sua colocação não tem lugar dentro de sua mente. E eu estou segura de que ele está sendo sincero, absolutamente honesto dentro dessa terrível limitação.

Ele não se detém para examinar o absurdo de suas colocações ou de sua maneira de se colocar no mundo, segundo as quais o importante é o que vem do outro, o que o outro quer dele ou o que o outro pode lhe oferecer. Quando ele me ouve, não é para saber de si ou para pensar quem é ou como se relaciona; está sempre atento para saber o que penso dele ou qual é minha disponibilidade para com ele. “Hoje você está impaciente” ou “eu sei que você não gosta quando faço isto” ou “você quer que eu faça (ou não faça)”. É uma *reversão de perspectiva* que acompanha a *reversão da função alfa*. Mais adiante exporei como entendo essa formulação.

O que está sendo atacado? O significado de suas relações, assim como o significado de minhas palavras e o significado de seus próprios sentimentos.

“Gostaria de ser a pessoa que ela pudesse amar.”

“Sinto que não fiz nada para preservar seu amor.”

“A culpa é minha de não ter conseguido fazer ela continuar gostando de mim.”

São clichês? Com certeza são afirmações dogmáticas, sem qualquer sentido dentro do contexto e sem qualquer confirmação nos fatos.

Mesmo abandonado, ele não odeia a namorada e, mesmo não compreendido, ele não odeia a analista. A impossibilidade de viver a experiência de ódio é o que estou nomeando de -H, como mostra Marinho (2000). O ataque destrutivo é feito à sua condição de pensar, e não ao outro. Também são feitos ao próprio corpo; sintomas físicos, alguns bastante graves, são bem antigos, na linha de ataque às defesas orgânicas.

Quando ele faz uma avaliação correta de uma situação e reprova atitudes muito inadequadas ou mesmo hostis de pessoas ao seu redor, não assume sua avaliação nem examina se é correta ou fundamentada; ele diz que sua revolta ou sua reprovação decorrem de ele estar sendo muito intolerante; afasta assim sua raiva rapidamente. Diz que não sabe conviver com as pessoas, que é refratário ao convívio etc. Enfim, anula sua avaliação, a neutraliza e se denigre porque não deveria criticar ninguém, e até deveria ser conivente com o que, salta aos olhos, é absolutamente inadequado. Ele não usa suas observações, suas avaliações ou constatações para chegar a uma conclusão; ele as anula e chega a um ponto morto, ao ponto de sempre. Não há

acréscimos, aprendizado ou qualquer nova apreensão porque ocorrem cortes que tornam os dados totalmente fragmentados.

Afirmar que ele é muito exigente e antissocial porque não tolerou a atitude de uma pessoa que tinha realmente sido extremamente grosseira e mesmo ofensiva é atribuir um significado já preestabelecido a algo novo, sem exame da situação.

Essa me parece mais uma reversão da função alfa, quando o que ele traz tem fragmentos de significados, de conhecimentos que foram um dia assimilados adequadamente e foram até muito úteis, mas que agora estão distorcidos porque não correspondem aos fatos.

O que ele conheceu é usado agora como um carimbo que se aplica sem reflexão. Essa falsificação da verdade, do sentido adequado daquela situação particular, ocorre porque ele não pode se assumir odiando qualquer pessoa, mesmo a pessoa violenta que o ofendeu. Isso mostra que ele está mergulhado em destroços resultantes de uma catástrofe mental importante.

Segundo Bion, o vínculo K é o indivíduo buscando conhecimento – conhecer é conhecer a experiência emocional e ser capaz de representá-la. A onisciência impede o vínculo K e o aprender com a experiência. Há um esvaziamento das capacidades do Ego de perceber, conhecer e pensar concomitantemente à construção ou criação de objetos bizarros (aspectos fragmentados e dispersos), que ele vai montando, aparentemente, dentro de uma coerência lógica: namorada, casamento, lar, filhos. Estou usando aqui a contribuição de Bion (1963/1966) que trata dos elementos beta, da função alfa e da teoria dos vínculos de amor, ódio e conhecimento, positivos e negativos (L, H, K e -L, -H, -K).

Ao dizer “ela me amava” e “eu a amo”, ele apresenta uma afirmação fechada para evitar o conhecimento ou a dor de conhecer a incapacidade de viver sentimentos verdadeiros em relação ao outro. Na verdade, os sentimentos são despojados de vitalidade, e essa é a razão por que não podem ser conhecidos, vivenciados, mas apenas formulados. Não ocorre a construção de um vínculo, mas de uma fantasia que atende a suas necessidades narcisistas.

Meu paciente acredita que *tem que amar a mulher que diz que o ama*. Eu, como analista, tenho que ajudá-lo a ver, e não sei se vou conseguir, que o que o força é algo dentro dele; e, ainda, que a mulher que ele ama não existe; e mais: que temos que descobrir o que é amar. O mais importante é ele saber que não está se amando ao ser tão prepotente consigo próprio, ao se exigir o que não tem condição de alcançar. Ele é prisioneiro de suas crenças e por isso está aqui pedindo para que eu o liberte.

M. não sente o ódio, mas a incompreensão, a desesperança, a falta; ele não usufrui da presença, do que tem, e reclama do que não tem. É -L, a não experiência de amor, que não significa a presença do ódio. A incapacidade de usufruir do outro nasce da necessidade de denegrir o outro de recursos aproveitáveis e do denegrimto de si próprio, como alguém incapaz de ter e aproveitar aquilo de bom que o outro oferece;

quando falta o sentimento bom de sentir prazer no partilhar, estamos diante de uma pobreza perigosa e mesmo devastadora. A presença da inveja é flagrante.

Apesar de conviver com amigos, parentes, trabalho, analista, o paciente não usufrui do fato de ter essas pessoas, os encontros, as trocas. Ele vive o que não tem, o que não conquistou. Vive só e infeliz. Eu diria, como Ney Marinho (1997), que existem manifestações amorosas, mas que “a ação permanente da pulsão de morte mutila o exercício da pulsão de vida” (p. 931).

Temos então -L e -H.

Por que a fuga dos sentimentos? Parece que a vivência de sentimentos intensos já ocorreu e foi muito penosa, catastrófica mesmo. Se K é penetrar para compreender e implica identificação com o continente, então o que vemos é M. não podendo penetrar e introjetar. O temor da identificação é o temor de se identificar com a mãe ruim, violenta, psicótica. Uma de minhas hipóteses é que ele foi intensamente vinculado a uma mãe muito destrutiva (com características psicóticas bem marcantes) que fazia por ser odiada. O paciente teve que se proteger de seus próprios sentimentos (ao mesmo tempo que protegia a mãe), por meio da negação do seu ódio por ela.

Para não correr esse risco, ele abole a curiosidade, a identificação e a possibilidade de conhecimento. Ele gira dentro de um circuito fechado e se torna vítima e algoz de si mesmo.

Se só a relação possibilita a experiência emocional e se só a experiência emocional possibilita o conhecimento, toda relação mobiliza L ou H, ou L e H, o que leva a K. Mas se houver -L e -H, só podemos chegar a -K. Se não ama e não odeia, ele permanece fora do campo do conhecimento, seja do conhecimento de si mesmo, seja do conhecimento da realidade externa.

Vivendo estereótipos, padrões estabelecidos de relacionamento, de sobrevivência, ele mostra que é incapaz de se vincular e, conseqüentemente, de refletir.

A impossibilidade de amar e odiar tem como efeito imediato o não poder apreender, alcançar a verdade da experiência emocional que se está vivendo. Viver padrões estabelecidos é expressão de falta de interesse real; o uso, na linguagem e na conduta, de chavões impede o verdadeiro encontro consigo mesmo e com o outro. É na relação, é no vínculo que surgem os significados – se a relação é destituída de um real sentimento, o verdadeiro significado não aparece, ou fica distorcido.

A banalização dos sentimentos é o maior entrave ao desenvolvimento. A indiferença nos torna apenas corretos, com posturas burocráticas e comportamentos estereotipados; é o pior caminho tanto no âmbito social como nas relações pessoais, já que a experiência mesma de existir, de ser, fica empobrecida. Não poder experimentar amor e ódio representa um desastre, já que leva ao desinteresse e à incapacidade de indignação diante da violência externa. Deixar de amar e de odiar nos torna autômatos, verdadeiras máquinas ambulantes, que ficam corretamente funcionando, mas nada de novo acrescentam e nada podem criar. Esse é o mundo de robôs que está proliferando diante de nosso olhar perplexo e impotente.

É esta a matéria do jornal que eu mencionei anteriormente (Biderman, 2004), que fala da “tendência à insensibilidade diante da violência que é absorvida passivamente e, no lugar de despertar indignação, gera apatia”.

Qual a importância da indignação? Eduardo Montagne (1994) nos diz que a indignação está a serviço do instinto de vida e se orienta a oferecer resistência às ameaças destrutivas contra a vida. Liana Bastos (2003) fala do mesmo tema, indicando que a cultura é a expressão da projeção dos aspectos internos, que instalados fora tornam mais compreensível, palpável e discutível a própria contradição interna, sempre existente, já que existe amor e ódio. A abertura do eu para a cultura é a abertura do eu para a busca da projeção (e depois introjeção) dos aspectos internos sempre muito intensos.

O poder narcísico é descontrolado e selvagem pois não é controlado pela lei. Esta operação simbólica – a presença da lei na configuração superegoica – é o que permite que o poder narcísico (com sua fúria destrutiva) seja contido pela consciência moral... A constituição egóica – e seu desdobramento em instância superegoica – demanda o trabalho conjunto das pulsões de vida e de morte... A compreensão da pulsão de morte reconhece nela – quando a serviço de Eros – uma destrutividade necessária à vida, ao se apresentar como corte que permite a abertura do eu para a cultura. (Bastos, 2003, pp. 267-268)

É a própria pulsão que engendra o conflito, e não a lei externa.

Estudiosos de diferentes áreas falam, nessa matéria de jornal, da cultura do medo gerada pela violência generalizada. Se no passado a violência buscava ganho material ou algum tipo de oposição, hoje ela é banal! “É adotada como estilo de vida”, “é a forma que grupos encontram para expressar suas tensões, angústias, para dizer eu existo” (Biderman, 2004). Se por um lado a violência é gratuita, por outro a reação a ela pode se tornar apática, ou mesmo ausente. E assim se criam defesas as mais absurdas: qualquer pessoa malvestida é tida como potencialmente perigosa, evita-se sair de casa, buscam-se soluções individuais e, pior, não há seleção de informações, acredita-se em tudo, sem crítica. Enfim: as pessoas não estão pensando mais! Em vez de buscar soluções, fogem das tensões e se refugiam na negação onipotente ou na afirmação onisciente de que a melhor solução é o isolamento e o corte dos vínculos.

Essa fragmentação do pensamento e a criação de reações totalmente inadequadas, embora aparentemente corretas e justificáveis (reversão da função alfa), me fazem pensar que há um temor enorme de se identificar com o agressor e de superá-lo em força, destrutividade e irracionalidade. Para não viver a experiência do ódio, não se vive também a do amor, da confiança, da esperança. O medo de serem mortas leva as pessoas a matar; matam seus recursos internos, sua condição de sonhar, de criar e de se organizar. Agressores e agredidos estão na mesma condição: absolutamente enquadrados dentro de esquemas estabelecidos, valores engessados, sem qualquer mobilidade. Ao perdermos a condição de sonhar e de ter esperança, perdemos nossa humanidade.

A agressão mais importante é a que ocorre dentro de nós, ao nosso mundo interno, quando necessidades, sentimentos, desejos, fantasias e, principalmente,

possibilidades não são conhecidos e muito menos considerados.

O fato de estarmos vivendo um momento difícil, com essas características de irreflexão, automatização, fuga do sofrimento psíquico etc., significa que temos que estar sempre atentos e denunciando os desvios que afastam o homem de si mesmo. Essa é nossa tarefa, dentro e fora do consultório. A denúncia e o esclarecimento já são uma atuação social importante. Mas o trabalho analítico, no consultório, é a mais eficiente ação que o psicanalista tem a oferecer.

Na clínica estamos o tempo todo exercendo nossa criatividade; por isso nosso trabalho é muitas vezes aproximado do trabalho artístico, na medida em que temos que inovar a cada passo, extraindo de nossa individualidade, de nós mesmos, as respostas aos desafios que a relação nos propõe permanentemente, das mais diferentes e inusitadas maneiras. Nossa tarefa é ajudar o paciente a ser ele mesmo. Logo, contrariamos a tendência de construir pessoas programadas, acomodadas ao que é considerado melhor por outros.

Ajudamos o paciente a pensar, a refletir, a estar conectado consigo próprio; ajudamos a restaurar os vínculos. Com esses recursos alcançam-se conhecimentos, conhecimentos que não têm limites e necessitam ser sempre mais e mais ampliados em todos os níveis.

Patología clínica y patología social

Resumen: La autora propone que el perfeccionamiento de la teoría y del trabajo clínico psicoanalítico incentiva también un importante involucramiento social. Se apoya en la afirmación de Boaventura de Sousa Santos (1889/2003) al respecto de que todo conocimiento es en sí mismo una práctica social. La autora también amplía la discusión sobre la especificidad del psicoanálisis teniendo en cuenta que, a partir de la experiencia individual se puede captar también la base de la dinámica de los comportamientos sociales y, con esto, poder abrir un espacio para las acciones más directas y efectivas del psicoanalista. Sin embargo, subraya que es necesario aceptar las limitaciones de la práctica psicoanalítica sin tener la postura arrogante o ingenua de que el psicoanálisis se debe moldear a lo social o solucionar las cuestiones humanas complejas de manera simplista. Por último, afirma que el espacio de la clínica sigue siendo el lugar en que el psicoanalista puede ofrecer su más eficiente acción.

Palabras clave: experiencia clínica, clínica psicoanalítica, práctica social, comportamientos sociales, clínica expandida

Clinical pathology and social pathology

Abstract: The author proposes that the enhancement of psychoanalytic theory and clinical work also facilitates significant social engagement. Drawing

on Boaventura de Sousa Santos' (1889/2003) assertion that all knowledge is inherently a social practice, the discussion is broadened to the specificity of psychoanalysis, considering that from individual clinical experience, one can also grasp the basis of the dynamics of social behaviors, thus creating room for more direct and effective interventions by the psychoanalyst. However, the author emphasizes that one must accept the limitations of psychoanalytic practice without adopting an arrogant or naive stance that it should conform to social norms or simplistically solve complex human issues. The conclusion asserts that the clinical space remains the most effective arena for psychoanalytic action.

Keywords: clinical experience, psychoanalytic clinic, social practice, social behaviors, expanded clinic

Referências

- Bastos, L. A. M. (2003). Armagedon: a violência no mundo contemporâneo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 37(2/3), 259-270.
- Biderman, I. (2004, 4 de março). Para um estilo de vida com menos violência. *Folha de S. Paulo*.
- Bion, W. R. (1966). *Os elementos da psicanálise*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1963)
- Marinho, N. (1997). O amor como vínculo: reflexões sobre os vínculos L (amor) e -L (-amor). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31(4), 923-942.
- Marinho, N. (2000). A psicanálise entre o passado e o futuro: notas sobre o pensar em Hannah Arent e W. R. Bion. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 34(3), 475-494.
- Montagne, E. (1994). Odiar sin culpa: una reflexión psicoanalítica sobre los afectos y su relación con la violencia. In M. Lemlij & D. Cáceres (Eds.), *Reflexiones sobre la violencia* (pp. 154-164). Biblioteca Peruana de Psicoanálisis.
- Pallares-Burke, M. L. G. (2004). Entrevista com Zigmunt Bauman. *Tempo Social*, 16(1), 301-325. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702004000100015>
- Santos, B. S. (2003). *Introdução a uma ciência pós-moderna* (4a ed.). Graal. (Trabalho original publicado em 1989)

Bibliografia consultada

- Bion, W. R. (1994). *Cogitaciones*. Promolibro.